

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Brasileiro

CLASS. : 176

DATA : 13 08 87

PG. : 13

# A polêmica chega ao colégio

Manaus — Direta ou indiretamente, a luta para restringir o exercício da soberania brasileira sobre as terras indígenas da Amazônia — denunciada pelo jornal O Estado de S. Paulo — acaba de chegar ao famoso Centro Educacional La Salle, à rua Eldorado, 151, no bairro Dom Pedro, mantido pelos padres salesianos e dirigido pelo respeitado padre Roque Rigoni. É que na semana passada, os alunos da 8ª série do 1º grau receberam do professor Victor, que leciona a disciplina religião, um texto com o título "é assim que acabam com os índios", publicado na edição de abril da revista Sem Fronteiras e assinado pelo ex-padre Egydio Schwade e sua mulher Doroti.

Os alunos, cuja faixa etária varia de 14 a 16 anos, não entenderam nada, pois o assunto estava longe de se enquadrar na disciplina de religião. Muitos foram consultar seus pais sobre o trabalho, pois estranharam o pedido do professor. Um pai, consultado ontem, em Manaus, arriscou um palpite: "É pura lavagem cerebral para que ninguém mexa nas terras dos índios. Parece até que as áreas indígenas têm que ser privilégio da igreja e de seus missionários". Um outro já partiu para a ironia: "É trabalho de base do Conselho Indigenista missionário". A diretriz dada pelo professor Victor se assemelha muito a um trabalho de formação ou lavagem cerebral dos incautos alunos do La Salle. Vejamos: ele pediu que o trabalho, que deverá ser entregue até o final desta semana ou começo da outra, fosse dividido em três partes: 1) uma análise crítica sobre o depoimento do ex-padre Egydio Schwade e sua mulher Doroti — os dois foram expulsos da área dos Waimiri-atroari, no dia 4 de dezembro de 1.986, a pedido dos próprios índios; 2) comparar os fatos narrados com os atuais; 3) e fazer um comentário pessoal sobre a questão da exploração das terras indígenas pelos brancos.

No começo do texto, o casal Egydio e Doroti explica que "com muita tristeza lhes informamos a nossa retirada da área indígena Waimiri-atroari". Só que não explicam as razões, preferindo acusar: "Sentimos que a nossa presença na área Waimiri-atroari estava sendo muito incômoda à Funai, à Parapanema e à Eletronorte". Mas no próprio texto, eles deixam escapar que os índios já não os queria mais na área, quando dizem: "O superintendente da Funai nos comunicou que a comunidade indígena não nos queria mais na área".

Depois disso, fazem um relato da viagem de volta e dos locais por onde passaram. Na segunda página do depoimento-reportagem, cujo intertítulo é "pressões", o casal acusa a Funai de não ter cumprido os compromissos assumidos, além do órgão ter aceito subornos em negociações nas terras dos waimiri-atroari. Mas em momento algum explica a quem foi pago os subornos e o valor. Esclarecem também que a escola montada no território índio se transformou no

único "território livre", razão pela qual sofreu várias pressões da Funai.

Afastados da área dos waimiri-atroari, o ex-padre Egydio e sua mulher ficaram irritados porque o encarregado da Funai na região, Sebastião Amâncio, levou para a tribo um casal de missionários americanos da missão Evangélica da Amazônia (MRVA). Em outro trecho, o casal diz que a referida missão "atrapalhou totalmente" a cultura wai wai e que, sem dúvida alguma, já trouxe grande tropeço aos waimiri-atroari e, inclusive aos funcionários da Funai na área".

No final do depoimento, o casal explica: "Passado o primeiro impacto e avaliando a situação indígena, especialmente da Amazônia, chegando à conclusão de que a luta indígena atravessa uma fase das mais críticas de sua história. O ciclo do minério, os grandes projetos oficiais, o programa Calha Norte estão aí a todo vapor, renovados com o rótulo e o fôlego da Nova República, mais precisamente da ditadura da mentira".